

47°48'w

47°45'w

Associação dos Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco – ATARECO



# Nova cartografia social da Amazônia

## Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco

### Realidades e Desafios

# 26

## Maranhão



PNCSA  
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Fonte:  
IBGE 2008  
Croquis da oficina de mapas s  
47°48'w

- linha de transmissão Eletronorte
- estradas de chão / trilhas
- Reserva Extrativista do Ciriaco

5°18's

47°45'w

## Composição da ATARECO

**Presidente** Maria José Silva do Nascimento  
**Vice presidente** Antonio Gonçalves da Silva  
**Secretária** Maria Nilza Luz Custódio  
**Vice-Secretária** Maria Zuleide Barbosa Guimarães  
**Tesoureiro** Maria Dalva da Souza Silva  
**2º tesoureiro** Antonio Lúcio da Silva  
**Conselho Fiscal**  
**1º fiscal** Francisco Oliveira Lima Custódio  
**2º fiscal** Maria Helena Gomes de Souza  
**3º fiscal** Maria Celma Carlos da Silva  
**4º fiscal** Francisca Dourado Lima  
**5º fiscal** Cícera Alves da Silva



**Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**  
**Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos**

**FASCÍCULO 26 – Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco - Realidades e Desafios**

**ISBN 978-85-7401-448-7**

---

**N935 Nova Cartografia Social da Amazônia: trabalhadores agroextrativistas da reserva de Ciriaco - realidades e desafios- Cidelândia Maranhão / coordenador, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; autores, Stéphanie Nasuti, Vanusa da Silva Lima. – Cidelândia : Casa 8 Design / Editora da Universidade Federal Amazonas, 2008**

**12 p. : il. ; 14 cm. (Movimentos Sociais Identidade Coletiva e Conflitos ; 26)**  
**ISBN 978-85-7401-448-7**

**1. Comunidade de Ciriaco – Maranhão I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Nasuti, Stéphanie III. Lima, Vanusa da Silva IV. Série.**

**CDU 301.185.2(812.12)**

---

**Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529**

### **Coordenação do PNCSA**

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
(NCSA-CESTU/UEA - PPGAS-UFAM)

### **Coordenação daequipe**

Stéphanie NASUTI (CREDAL – Univ. Paris III)

### **Equipe da equipe**

Vanusa da Silva Lima  
Maria Zilma Silva do Nascimento  
Adão da Conceição Costa  
Evando Marques dos Santos  
Rafael de Almeida Santana

### **Edição e cartografia**

Stéphanie NASUTI (CREDAL)  
Cynthia Carvalho Martins (UEMA)  
Davi Pereira Júnior (UEMA)

### **Projeto gráfico e editoração**

Design Casa 8 [www.designcasa8.com.br](http://www.designcasa8.com.br)

## Reserva extrativista

“A reserva extrativista (resex) trouxe muita vantagem, não só para mim mas para todos. Tem sócio que não tinha onde cair morto. Hoje não se derruba mais o babaçu. É uma vantagem que nem esperava. Custou, mas chegou, quando a gente começou esta luta, eu era bem mais novo. A resex para mim é uma barriga cheia. O prato encheu e nunca mais secou. Para mim a resex é tudo, tanto vejo isto de mim quanto dos companheiros que estão aqui. Extrativista, a gente nem era esta coisa, não ouvia nem falar, mas a gente aprendeu a ser.” **Antonio Lúcio da Silva**

“Um dia fui ali para o Varjão. Ai, gado sai da colá para onde estava trabalhando, e tive que sair do Varjão para cercar minha roça porque o gado estava comendo. Voltei para esta estrada aqui, cheguei perto do Zé Martins e falei: ah! se um dia conseguisse uma terra para mim, eu sei que melhorava mais. Aí a mulher olhou para aquele lado e depois para mim e falou: que tal se essa terra aqui fosse nossa um dia? Tu tá ficando é doida? onde que nos vamos arrumar condição de comprar uma terra dessa? E quando foi com quase dois anos, nos recebemos o sorteio da ATARECO e aquela terra é mesmo que fosse nossa. **Antonio Gonçalves da Silva**

## O que é a ATARECO?

“Foi através da ATARECO que se criou esta reserva. A ATARECO já recebeu muito recurso, mas faltou planejamento e organização, nem sempre soubemos trabalhar com cabeça.” **Francisco Oliveira Lima Custódio**

“ATARECO é um nome de fantasia que foi colocado porque acharam que devia ter este nome. Nós acredita que ATARECO somos nós, sócios, nós que lutamos para chegar até aqui, e que é um órgão de sócios que vive aqui dentro, trabalhando para os sustento das famílias”.

“A ATARECO nasceu através das quebradeiras de coco. Ela já completou 13 anos. Antigamente, antes de criar a ATARECO, aqui era dos fazendeiros. Era difícil a pessoal trabalhar, porque os fazendeiros não deixavam, arrendavam para as mulheres que quebravam coco, e em certos lugares o fazendeiro não deixava, porque tem esta historia que o cavaco machuca o gado.

Alguns deixavam, outros não era nem para sonhar de entrar. Tinha que levar o saco de coco na cabeça para levar pro lado de fora do arame, Al-



*Da esquerda pra a direita, 1ª linha: Lucas, Davi; 2ª linha: Nilza, Maria José, Janaina, Vanusa, Helena, Cynthia, Evando; 3ª linha: Anderson, Stéphanie, Antonio, Rafael, Arão; 4ª linha: Manuel (Ciriaco, 12 e 13 de setembro de 2008)*



*No centro do povoado do Ciriaco, placas em homenagem a luta levada pelas quebradeiras de coco.*



*Ora protegida por lei, dentro da unidade de conservação a palmeira de babaçu (*Orbignya speciosa*) esta reconquistando as terras que antigamente costumavam ser desmatadas pelos fazendeiros*



guns deixavam, outros não era nem para sonhar de entrar. Tinha que levar o saco de coco na cabeça para levar pro lado de fora do arame na beira da estrada...

Quando entrou a ATARECO, e depois a reserva, os lotes ficaram liberados para as pessoas trabalharem. Ficou bem mais facilitado. Com a criação da ATARECO, veio a indenização das áreas e melhorou a situação dos trabalhadores, das quebradeiras. Graças a Deus, a gente vive mais a vontade.

Eu sei que a ATARECO é importante dentro da reserva em todos os sentidos. Ela é importante para nós, para conseguir coisas do governo, um projeto, uma facilidade maior.

Veja bem, depois que a reserva foi indenizada, todos possuem seu lugarzinho. E ficou para que todos os pais que tivessem seus filhos tenham onde agasalhar.

Se não tivesse a ATARECO, já teria se acabado, já não teria mais floresta... Aqui, tem as áreas de roça, mas também tem as áreas de reserva, que ninguém mexe. Ela esta la para o bichinho comer, beber, e usar o que puder la dentro. E independentemente da reserva do lote, tem as outras áreas de reserva: tem o Castanhal, muita castanha, muito bonito, é intocável ninguém mexe. Tem outra numa chapada acolá que é só de serra e não presta para botar roça. Ficou para trabalhos coletivos." **Maria José Silva do Nascimento, Antonio Gonçalves da Silva, Maria Helena Gomes de Souza**

## O babaçu

"Antigamente, era muito importante para mim. Eu vestia e calçava meus filhos a custa do babaçu. Também comprava os remédios, sempre vivi da quebra do coco. Quebrava o coco, tirava o azeite para vender e para comer. Hoje eu tenho problemas de coluna, não posso mais quebrar. Não era

só eu, tinha muitas companheiras... todas iam para a quebra e voltavam alegres. Comecei a quebrar ainda novinha, com 14 anos. Agradeço a Deus que me deu força e a floresta com tanto babaçu. Hoje, eu imagino assim: quem é que vai quebrar esse coco? só tem essa historia de queima de coco inteiro porque não tem quem quebra. Quem é dessas meninas aí que vão quebrar o coco? ainda tem que o carvão prejudica a saúde. Se eu ainda fosse nova, eu quebrava mesmo o coco." **Cícera Alves da Silva**

"Comecei a partir o coco com 8 anos, acompanhava minha mãe na quebra. Comecei brincando e quando vi, já estava quebrando. Com 12 anos, já quebrava 5 kilos. Quebrei coco a vida toda. Tempera as panelas, vendia as amêndoas para comprar roupas e todo tipo de mantimentos. Da mesma forma eu ensinei a lida do babaçu para os meus filhos. E isso convivo até hoje com o babaçu. Eu sempre coloquei as minhas roças, mas gosto mesmo é do tempero do babaçu. Quando posso, ainda tiro o azeite e aumento a renda da casa." **Maria Helena Gomes de Souza**

## Os projetos e as atividades econômicas

"Nos projetos do governo, veja bem: nos pobres, nunca teremos condição se não for um projeto de 2 ou 3 anos de carência, para nos não tem vez porque para nos criar carneiro, porco... para devolver o projeto com um ano, ou seis meses, é melhor deixar do jeito que está. O que nos vamos fazer? não tem um projeto para nos ajudar a fazer uma roça?"



*Do babaçu, tudo se aproveita! mas é a amêndoa que tem o maior valor comercial. Coletado no chão, o coco é quebrado pelas mulheres na forma tradicional, com machado e macete, para extrair as amêndoas que ele contém. Estas podem ser vendidas diretamente, mas servem sobretudo para tirar o azeite, consumido em casa ou comercializado*



*A agricultura de subsistência é a fonte de renda mais comum dentro da comunidade. Fabricação da farinha no centro do Olimpio*



*Roça de abacaxi no centro do Antonio Fogoyó*

Quando aparece um projeto, para nos é no máximo um ano e seis meses para poder dar um retorno. Por exemplo o caju, ele não bota com ano. O primeiro ano quase não presta. E aí nos ficamos mesmo na nossa rocinha com pé de touco e arrumando alimentação de cada dia. Mas graças a Deus melhorou... não foi melhorou, ficou foi bom." Antonio Gonçalves da Silva, Maria Helena Gomes de Souza

## O carvão de coco babaçu

"O carvão é carro-chefe aqui dentro desta reserva por consequência disso aqui, de nos não ter projeto. Não tem como trabalhar de outro jeito, então vai fazer carvão. Porque ganha mais e dá sustento a família dele fazendo carvão. Só que nosso coco diminui. Falta acabar. Porque tem pessoas que não sabe se controlar na queima do carvão. Aí nos estamos pelejando com as nossas roças mas graças a Deus tirando o pão de cada dia. Esta muito melhor do que estava, porque antigamente não se podia plantar nem a mandioca, nem a fava nem o milho. Era só o arroz porque tinha que tirar logo. E se plantava milho, Deus me livre, porque tinha que colher tudo junto, antes do arroz amadurecer. E hoje nos podemos plantar de tudo. Melhorou para nós.

Tem futuro no coco, só basta a pessoa querer trabalhar com ele. Tem futuro e tem varias produção do coco. Para nos, era melhor aqui dentro as pessoas entender e querer trabalhar do coco. Um projeto para



- **Criação:** decreto nº534 do 20 de maio de 1992
- **Superfície:** 8 084 ha
- **Vegetação:** floresta secundária, com predominância da palmeira de babaçu (*Orbignya speciosa*)
- **Atividades econômicas:** extrativismo de babaçu (extração da amêndoa, azeite, mesocarpo, carvão), agricultura, criação de animais de pequeno porte, gado
- **Cidades de referência:** Cidelândia (12 km), Açailândia (90 km) e Imperatriz (95 km) ;
- **População:** ≈ 350 famílias,
- **Organização comunitária:** Associação dos Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco (ATARECO), representando os moradores sócios beneficiados com lotes.



 A reserva extrativista do Ciriaco inclui moradores de quatro povoados: Ciriaco, Centro do Olímpio, Alto Bonito e Viração. Recentemente, dois novos núcleos de habitação foram construídos: a Rua Nova e a Vila Varjão.

 Os moradores têm acesso aos serviços básicos: tem escola, campo de futebol e posto de saúde em cada um dos três principais núcleos de habitação.

 Os lugares de culto também são bem representados pois existe Igreja Católica, Batista, Assembléia de Deus e um terreiro de Umbanda, assim como cemitérios.

 Os povoados são acessíveis através das estradas que cruzam a reserva, e várias vezes ao dia, carros particulares fazem a linha rumo a Cidelândia, Imperatriz e Açailândia. Todavia, as telecomunicações permanecem difíceis pois encontra-se somente um orelhão no povoado do Ciriaco e dois na Viração.

 Conseqüência desta proximidade, na época de verão, os festejantes são numerosos a vir da cidade para se divertir nas praias da Viração e do Mastigado da Jumenta. Mas eles atravessam a reserva sem ter noção que entram em um ambiente protegido.

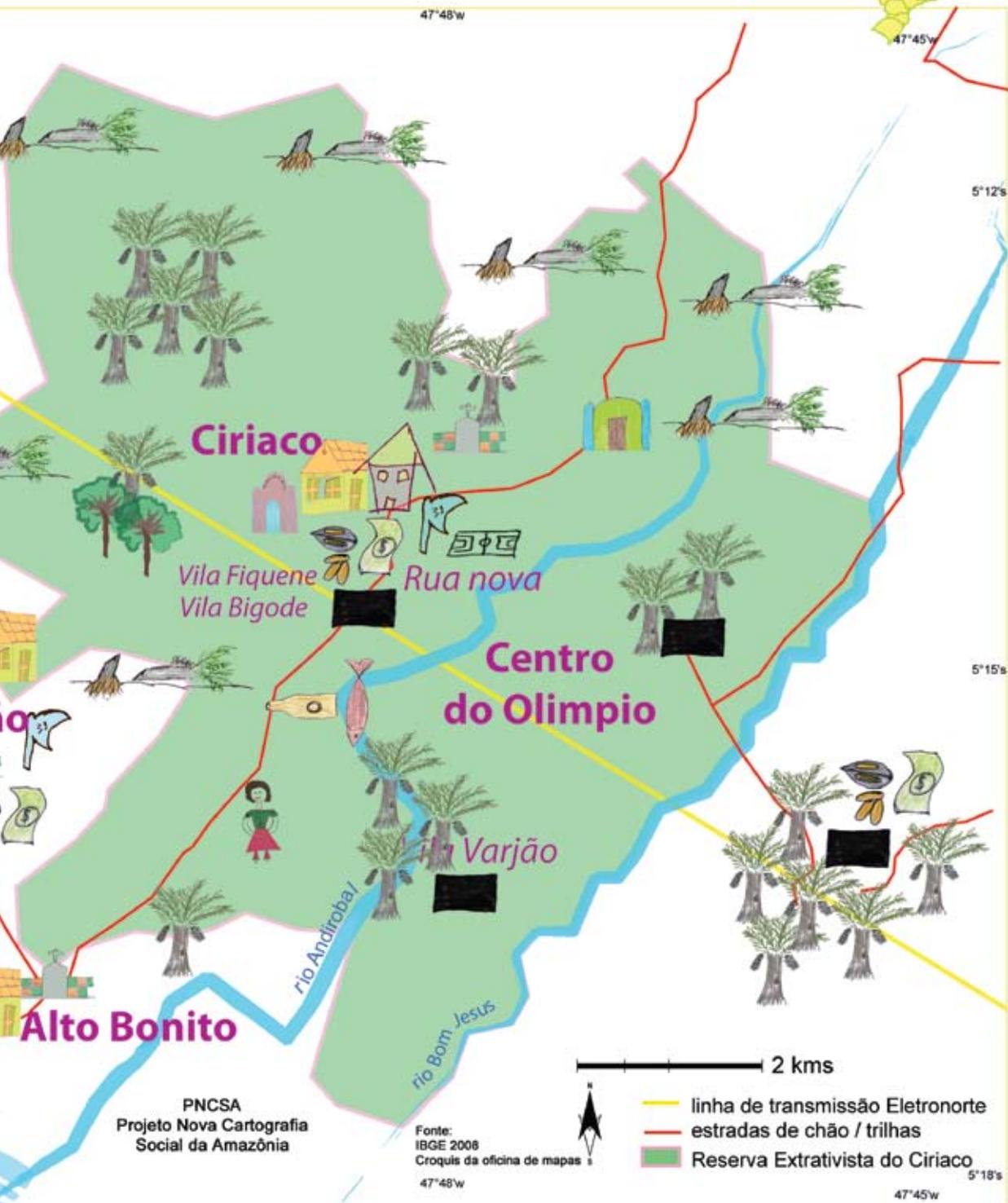
 Pode-se notar também que a área da Resex e de seu entorno apresenta-se vulnerável à prática de crimes ambientais em função da proximidade de povoados e grandes fazendas que exercem uma grande pressão (devastação de babaçuais) quanto à pecuária extensiva e a comercialização de carvão vegetal (presença de carvoarias).

Infelizmente parece que a resex ainda não é vista por parte da população do entorno como uma área federal de preservação e de acesso restrito: além do desrespeito consciente à legislação, constata-se também que muitos ignoram a existência da resex mas sobretudo que tem uma grande carência de informação sobre as peculiaridades proporcionadas pelo estatuto de reserva extrativista.

A geração de renda também se apresenta como problemática: as falta de oportunidades leva muitos a trocar a quebra e a venda das amêndoas para a queima do carvão de babaçu, que fragiliza muito o meio-ambiente.



# A reserva extrativista do Ciriaco



movimentar o coco aqui dentro, até por exemplo com o carvão, empacotar ele e vender de mais pouco e mais caro, por exemplo para supermercado. Conseguir um mercado melhor, porque tem como produzir menos e ganhar mais. E aproveitava o bagre e a entrecasca para fazer o mesocarpo para ter menos prejuízo porque desse jeito gasta muito.

Inclusive porque não estão sabendo controlar a queima. Porque nossa terra não foi para a gente viver do carvão. Foi para trabalhar na roça e usar o coco. O carvão da muito dinheiro rápido, mas dura pouco. Cadê o alimento da roça? cadê o arroz, o feijão? ninguém tinha previsto esta questão do carvão. Agora está numa situação difícil de controlar porque quando fala de quebrar coco, as pessoas não querem mais. A pessoa que faz carvão ganha 30 ou 40 reais num dia, onde já se viu uma diária dessa? no coco ganha 8 ou 10. Precisa ser bem estudado para ganhar uma diária dessa.

Tu vai ver como o coco vai acabar aqui. Vai ficar um quarto, três quartos vão faltar. Eu sou contra parar, porque é um meio de vida aqui dentro, mas não sou contra diminuir, colocar um limite. Só que para ter um limite tem que ter uma fiscalização e para isso tem que trancar os compradores primeiro para poder limitar.” **Antonio Gonçalves da Silva, Maria Helena Gomes de Souza**

## Preservação e educação ambiental

“Tinha lugar onde tinha riacho que secava no verão e hoje não seca mais, já voltaram coisas da natureza e muitas pessoas já estão conscientes de porque é necessário preservá-las. Por exemplo, agora quando quer botar uma roça, a gente procura o lugar onde o mato é menor, antes era qualquer canto. Porque aqui não é só uma reserva de babaçu, estamos preocupados em preservar tudo que faz parte da natureza. Ainda na reserva, a gente vê que tem pessoas que não estão preocupadas com o futuro, tem pais que não se comprometem para o futuro dos filhos deles. Nós educadores que temos a responsabilidade de conscientizar as crianças para que no futuro elas não venham a sofrer com isto, e este é um trabalho do dia-a-dia. Embora sendo uma resex, área de preservação ambiental, a natureza aqui está sofrendo vários impactos, pois os recursos naturais não são utilizados de forma sustentável, sem agredi-la. Ainda predomina a prática do desmatamento e do fogo para cultivar arroz, feijão, mandioca e outros, porém, fazemos por necessidade e por não termos outra alternativa para essa prática. Muito se fala em políticas públicas para o desenvolvimento sustentável, porém essa é uma meta a ser alcançada a médio e longo prazo, e que toda a sociedade deve se manifestar em favor dessa causa, para que a nova geração tenha assegurado uma boa qualidade de vida.” **Maria Nilza Luz Custódio**



*A farinha do mesocarpo, fabricada a partir da entrecasca do coco babaçu, é um excelente complemento alimentar, que dificilmente encontra êxito no mercado por falta de circuitos de comercialização organizados*



*O carvão de coco babaçu é comprado por atravessadores exteriores à reserva extrativista, que efetuam este comercio sem a autorização da ATARECO.*



*O “Castanhal” do Ciriaco é a única concentração de Castanheiras-do-Pará encontrada no Maranhão.*



*Evando, Rafael, Adão e Maria Zilma aprenderam a pegar coordenadas geográficas com o GPS para poder confeccionar o mapa incluso neste fascículo.*



*A cerca representa o limite entre a reserva extrativista (a esquerda), onde o babaçu é protegido e as fazendas adjacentes (a direita), onde ainda o babaçu é considerado como uma praga a ser eliminada.*

ovens potencial para dar continuidade a este trabalho. No entanto, percebo que falta a estes jovens incentivo e valorização do papel que eles podem desenvolver no espaço que ocupa.” **Arão dos Santos**

## Indenizações

“Foi indenizado 80% da área, falta ainda 20%. Tem algum tropeço que faz que toda a área não foi legalizada ainda. Antes aqui era só na mão de poucos grandes fazendeiros. O Governo reconheceu esta área com babaçu e fizemos reunião até implantar isto aqui. O devastamento já estava chegando. Se não fosse a reserva, aqui não teria mais babaçu e seria só o eucalipto, os pequenos produtores que tinha aqui já não existiriam mais, porque tinham pouca liberdade. Hoje, precisa legalizar o resto da área para que a gente fique mais tranquilo. Aqui, a área da reserva é da União, ninguém

“Foi através de palestras, de reuniões que as pessoas se conscientizaram de que se não cuidar, quem vai sofrer somos nós. Se não preservarmos hoje, são nossos filhos que vão apanhar. Uma preocupação que não sabemos resolver é a queima do coco. A gente vê que não é bom pro meio-ambiente, nem para quem trabalha. No futuro, vai trazer problemas pra saúde das pessoas.”  
**Antonio Lúcio da Silva**

## Perspectivas de permanência dos jovens na RESEX

“Até agora vieram alguns projetos... um deles, falaram que iam trazer uns computadores pra cá. Ai, a juventude ficou interessada, a gente comentou muito entre nós, que ia melhorar bastante, mas até hoje estamos ainda esperando. Sabe, os jovens vão embora, aqui não tem emprego fixo, não tem objetivo fixo para a gente poder ficar, falta futuro no trabalho. Isto, a gente observa hoje, talvez pode mudar.

Acho que o projeto de resex foi pensado para a família, mas não para os filhos, sobretudo que agora os jovens são com projetos de vida mais ambiciosos. O pai da gente incentiva a estudar, o que fazemos, então queremos um emprego e outro estilo de vida. Não é discriminar este serviço de roça, só que a gente estuda para arrumar um serviço melhor. Aqui, o que está segurando muita gente é o serviço do carvão... tirando os aposentados e os funcionários públicos, é só o carvão que da a renda.” **Anderson e Fabiano**

“Eu moro aqui pelos meus pais. Acho que aqui tem futuro para o jovem, mas somente para aquele que desejar sobre isso, sabe a agricultura e o meio-ambiente.” **Elizete**

## O ciclo de festas

“Vai trazer para as atuais e futuras gerações conhecimentos sobre a forma de viver, de manifestações de fé de um povo nas gerações que antecedem estes jovens. Participo como admirador e articulador para que os eventos relacionados a estas manifestações culturais aconteçam, de forma pontual, para não cair no esquecimento. Aqui nos festejamos o Divino Espírito Santo, a Festa de Reis, os festejos juninos, dançamos o Lindô e a Mangaba. Percebo nos jovens potencial para dar continuidade a este trabalho. No entanto, percebo que falta a estes jovens incentivo e valorização do papel que eles podem desenvolver no espaço que ocupa.” **Arão dos Santos**

é dono, mas todos os sócios têm direito de trabalhar. Ninguém também tem posse, mas foi designada uma pequena área para cada companheiro. Em troca, cada pessoa tem que preservar, tem que cuidar. Vamos dizer que para cada lote, o 'dono' é o fiscal daquela região, porque se acontecer alguma coisa, sou eu que vou ficar responsável frente ao IBAMA. Tem gente aqui neste Ciriaco que nunca iam ter oportunidade de ter uma casa para morar, um pedaço de terra para trabalhar se não fosse através da ATARECO e da reserva. Aqui, nesta região, tinha que sair para trabalhar nas firmas porque não dá para todos trabalhar na juquirá, e tinha que sair trabalhar fora porque os fazendeiros somente iam plantar capim. Aqui ainda não está melhor porque ainda falta união, tem muita gente que mora aqui mas que não estão prontos para colaborar." **Francisco Oliveira Lima Custódio**

## Marcos históricos da RESEX Ciriaco

- 20 de maio de 1992: publicação do decreto nº534 instituindo a reserva extrativista do Ciriaco. No mesmo dia, foram publicados os decretos 532, 535, 536, criando três outras reservas extrativistas dedicadas ao babaçu: Mata Grande (MA, 10450 ha), Extremo Norte do Tocantins (TO, 9280 ha), Quilombo do Flexal (MA, 9542 ha).
- 1992 - 1995, Apoio do STTR Imperatriz, do CENTRU (Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural), do MIQCB, Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu.
- 30 de maio de 1995: Criação da Associação dos Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco (ATARECO)
- 23/06/1997 e 11/10/2000: reedições do decreto de criação da resex
- 2002: Demarcação do perímetro oficial da resex; indenização e desapropriação parcial das propriedades inclusas dentro da área; transmissão da concessão real de uso para a ATARECO.
- 2003: Loteamento e distribuição dos lotes entre os sócios (20 ha),
- 2006: validação do plano de uso (ATARECO/IBAMA/CNPT)
- 2008: Levantamento socioeconômico (ICMBio) iniciando a realização do plano de manejo.

## Ficha Descritiva – Resex Do Ciriaco

- Criação : decreto nº534 do 20 de maio de 1992
- Superfície : 8 084 ha
- Vegetação: floresta secundária, com predominância da palmeira de babaçu (*Orbignya speciosa*)
- Atividades econômicas: extrativismo de babaçu (extração da amêndoa, azeite, mesocarpo, carvão), agricultura, criação de animais de pequeno porte, gado
- Cidades de referência : Cidelândia (12 km), Açailândia (? km) e Imperatriz (95 km)
- População: ≈ 350 famílias,
- Organização comunitária: Associação dos Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco (ATARECO), representando os moradores sócios beneficiados com lotes.

## As reivindicações

- Requeremos que seja concluído o processo de indenização e desapropriação das propriedades particulares ainda inclusas no perímetro da Reserva Extrativista do Ciriaco, no intuito de poder gozar e desenvolver plenamente o espaço que nos foi atribuído.
- Requeremos que seja discutido e votado nos melhores prazos o Plano de Manejo da Reserva Extrativista do Ciriaco, regulamentando a gestão da área interna e da área de entorno da reserva, o que se constitui em uma necessidade para que possam ser liberados programas beneficiando as comunidades locais –a exemplo da concessão do crédito Pronaf, pelo qual nossas famílias já estão aguardando há mais de cinco anos.

O plano de manejo apresenta-se de uma importância imprescindível para planificar a gestão das áreas de entorno da reserva, para que essa possa desfrutar plenamente da responsabilidade ambiental que lhe foi conferida através deste estatuto jurídico, e que o planejamento regional possa realmente ser articulado em prol da sustentabilidade.

- Requeremos que nossa comunidade seja beneficiada com uma escola agroextrativista, no intuito de valorizar os nossos saberes tradicionais e transmiti-los para as novas gerações –que irão desenvolver a reserva amanhã–, más sobretudo para desenvolver alternativas agregando valor em cima das atividades extrativistas tradicionais. Requeremos também que esta escola ofereça à nossa juventude ingresso no mundo da informática.
- Requeremos uma maior atuação do Órgão Gestor dentro da área da Reserva,
- Enfim, requeremos uma melhor elaboração dos projetos governamentais: além dos aspectos produtivos, precisa ser incluso e facilitado o acesso dos nossos produtos ao mercado.



Mapa falado

# Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

## Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e Agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos Ribeirinhos e Indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité - Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta
- 26 Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco – Realidades e Desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoárias – Médio Mearim, Maranhão

### REALIZAÇÃO

ATARECO – Associação dos Trabalhadores AgroExtrativistas da Reserva Extrativista de Ciriaco



### APOIO

ASPA

UEMA/SIMA



FORD FOUNDATION

